

Quem se despreza, ainda preza a si mesmo como desprezador.

Parece rude, mas a frase impacta pela estranheza. Estranheza que afeta.

O desprezar é uma maneira de nomear o outro - ou a si mesmo -, supondo conhecê-lo e, portanto, sendo capaz de subjugá-lo. O desprezar se relaciona com o sentimento de repulsa. Mas, repulsa de quê(m)?

Podemos logo pensar: "Repulsa do que se é!". Mas a questão não é tão simples.

Diminuir a si mesmo diz, na verdade, sobre a tentativa cruel de aniquilar ou abafar o próprio desejo. Porque o desejo inconsciente é impróprio, feio, proibido. Ou seja, o desprezador de si tem repulsa, de fato, do próprio desejo. Melhor dizendo, da possibilidade de desejar.

Recolhido pelo medo do que deseja e não pode entrar em contato, não pode desejar. Então se despreza, bloqueando qualquer criação. Paralisa, deprime e autorrecrimina.

A posição de desprezador de si tem sempre uma função. Não somente deprime, mas dá a falsa ilusão de controle e põe limite às chances de satisfação e felicidade.

Mas esse bonde chamado desejo permanece, pulsa, demanda voz. Que tal dar voz e escuta ao seu desejo?

-

Estive pensando nas movimentações diante da pandemia de Covid-19. Observando as batalhas por estoque de alimentos, papel higiênico, pelo precioso álcool em gel. Tentando fazer sentido dos memes e das piadas mórbidas e dos irresponsáveis estadistas e das incontáveis notícias e da tragédia de nossa desigualdade social escancarada e...

E parece que nunca temos tempo para decifrar e dar lugar às coisas. Como poderíamos, vivendo na época do desamparo (quase que) institucionalizado?

Bauman não mentiu quando disse que o homem e as mulheres pós-modernos (ou contemporâneos, nomeie como preferir) trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade. Mais que isso, alertou que nossos mal-estares provém de uma espécie de liberdade baseada na procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais. GOZE! É o que dizem propagandas e demais formas de discursos sociais. Mas também não espere, quando as coisas derem errado, proteção do Estado, do pai, da mãe, dos jovens, de quem quer seja... se proteja com água, sabão e álcool em gel, claro, se tiver como pagar. E achar. E assim nos afundamos cada vez mais na cultura do pânico. O pânico é a vivência mais estampada do desamparo humano. Já o desamparo é condição fundamental para a existência humana. Nascemos biologicamente e psiquicamente desamparados e só sobrevivemos com o auxílio de um outro. Independente do nível de autonomia que nós adultos tenhamos, sempre buscamos um outro a nos amparar, mesmo que imaginariamente. Seja a mãe, o pai, o professor, o governo...

Conseguir elaborar minimamente a condição de desamparo requer recursos simbólicos, externos ou internos a cada um. Estou falando sobre o Estado, a ciência, a si mesmo, dentre vários exemplos que poderia citar. Deixar-se levar pela cultura do pânico é compreensível. A cada momento que passa nos faltam mais esses recursos. Estamos cada vez mais desguardados de um amparo externo e cada vez mais lançados à própria sorte. Uma sociedade de indivíduos, desprotegidos pela lei. Mas, entendam, compreender que nos deixamos levar ao pânico é uma coisa. Sucumbir a essa tendência é outra.

Não mentirei a vocês. Provavelmente será difícil atravessar o coronavírus na ausência de governantes e sujeitos cientes de suas responsabilidades sociais. Mas sabemos que essa não é uma questão nova na civilização.

Talvez o que caiba reivindicar, aqui, seja a constante reflexão sobre que modelo de sociedade nós buscamos. E que tipo de sujeitos queremos ser. Que responsabilidades sociais escolheremos tomar para si e demandar ao outro. No fim, lembrar de servir de suporte à dor do outro e ter sua dor também ouvida. Mantenha-se com quem ama e é aliado.